

IGREJA DA LAPA  
(FOTO DE JOSÉ PEDRO BUAÑO)

## S U M Á R I O

- 130** OS PRIMÓDIOS DA IRMANDADE  
DE NOSSA SENHORA DA LAPA  
por Francisco Ribeiro da Silva
- 139** VASCO DA GAMA  
DE PORTUGAL À ÍNDIA 500 ANOS DEPOIS  
por J.F.A. / L.A.F.
- 147** O DOUTOR SOUZA-SOARES  
E A PAIXÃO URBANÍSTICA  
(À MEMÓRIA DE D. MARIA TERESA  
DE SOUZA-SOARES DA GAMA  
por Ercílio de Azevedo
- 150** FEIRAS E MERCADOS  
O CASO DE GONDOMAR  
NO CONTEXTO DO GRANDE PORTO  
por José A. Rio Fernandes
- 155** VIDA CULTURAL
- 159** ACONTECEU HÁ 50 ANOS

PROPRIEDADE: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

SEDE: Palácio da Bolsa • R. Ferreira Borges  
Telef. 3399060 • 4050 Porto

ADMINISTRAÇÃO: Eng. Vergílio Folhadela Moreira (Presidente)  
Eng. Francisco de Almeida e Sousa (Administrador)  
João Auy Ribas dos Santos (Administrador)

DIRECÇÃO: Dr. F. Almeida Conde (Director)  
Dr. A. Canedo (Director Adjunto)

COORDENAÇÃO GERAL: Dra. Maria do Pilar Garcia  
José Leão

Depósito Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. n.º 107643

Revista Mensal • Preço: 850\$00 • Assinatura Anual: 8.500\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA: UNIARTE GRÁFICA • PORTO

DISTRIBUIÇÃO: MÁRIO DA SILVA BRAGA, LDA.  
Rua Duque de Terceira, 271 - 4000 PORTO

TIRAGEM: 5000 EXEMPLARES

7.ª SÉRIE • ANO XVII • NÚMERO 5 • MAIO 1998



conhecida a antiguidade da feira, a qual terá contribuído decisivamente para o reforço de algumas

concentrações populacionais

durante a Baixa Idade Média e para o despontar do carácter urbano de muitos aglomerados. Tanto assim que, em muitos casos, a sua instituição por decreto real coincide com a vontade de reforçar o povoamento, ou se associa a um momento de aumento da importância económica e política de um núcleo preexistente.

Assim foi também com o Porto, onde a criação de uma feira junto à Sé (por determinação de D. Sancho I, datada de 1186) e muito especialmente a feira franca que se estabeleceu na Rua Nova (actual Rua do Infante D. Henrique) a partir de 1403 por decreto de D. João I, em muito contribuíram para o desenvolvimento da cidade e para a sua afirmação sobre o território envolvente. Do muito que se escreveu já sobre as feiras do Porto, retenha-se a ideia da sua difusão e crescente especialização. De tal forma que, em meados do século XIX, entre semanais, mensais e anuais, o seu número atingia várias dezenas, animando praticamente todos os largos e praças da cidade<sup>(1)</sup>.

A Revolução Industrial, à qual se associa a vulgarização da separação entre produção e venda, propiciou o desenvolvimento do comércio retalhista sedentarizado, e levou a que às preocupações higienistas se associasse a de valorização da cidade moderna, que conduziria à migração das feiras para espaços periféricos, ou à sua extinção, com transferência obrigatória dos vendedores para os mercados que se construíram com o objectivo de regular a venda e conferir maior higiene aos alimentos: Anjo e Bolhão primeiro, quatro outros no final do século XIX, dos quais resta apenas o de Ferreira Borges.

No exterior da cidade do Porto, entretanto, as feiras tinham uma expressão menor, apesar do seu grande

## FEIRAS E MERCADOS

### O caso de Gondomar no contexto do Grande Porto

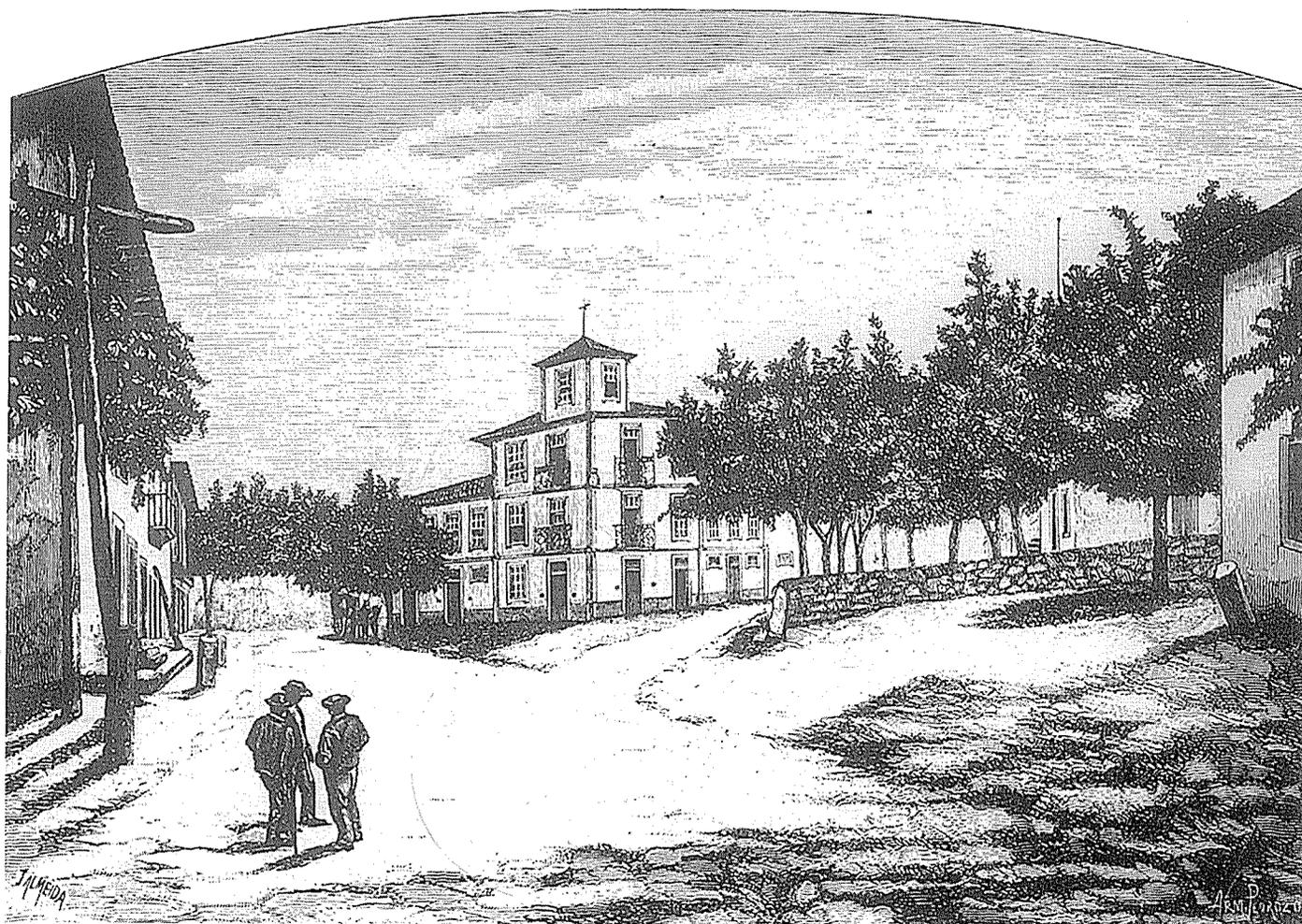
significado local, associando-se por vezes a romarias anuais e adquirindo então uma muito importante expressão. Era (é) o caso da Feira das Nozes, que se associa às festas de Nossa Senhora do Rosário na

captação de um considerável número de romeiros que anualmente animam a cidade de Gondomar. Pelos anos 30, de um e de outro lado da rua principal do largo — que permite a relação com Ramalde e o Alto Concelho —, vendem-se nozes, regueifa e café quente com aguardente, à luz dos gasómetros depois do cair da noite.

A festa é muito popular do outro lado do Douro, com muitos a partir de Avintes, Oliveira do Douro e outros lugares de Gaia e da Feira, tomando o barco e chegando em grupos, para ouvir as bandas musicais instaladas junto à Igreja Paroquial. Como medida preventiva para eventuais rixas, muitos (de casa e forasteiros) abastecem-se de varapaus no Largo de Santo António e procuram repasto na barraca da Ordem de Malta, a da «cruz branca».

O Largo do Souto, próximo da Igreja Paroquial e local término de transporte público para quem vem do Porto e de muitas das carreiras provenientes do interior do município, era o local central de toda a romaria, onde, em meados do século, se vendem nozes e louças e se fazem também espectáculos de robertos, ao lado da roda dos cavalinhos e de muitas barracas de comes e bebes, onde domina a sardinha assada. Nos anos 60 mantêm-se as nozes e a regueifa, amplia-se o espaço das louças, mas cresce sobretudo a função lúdica, com um significativo aumento do número e diversidade dos divertimentos, com destaque para os carrosséis, o circo e o poço da morte.

Por outro lado, instala-se a barraca das farturas Couto, desaparece a «cruz branca» e instalam-se duas construções metálicas de café-restaurant, exploradas pelos Bombeiros Voluntários e pelas Conferências de S. Vi-



O CENTRO DO LUGAR DE QUINTÃ, EM MEADOS DO SÉCULO XIX, LUGAR ESCOLHIDO PARA A CRIAÇÃO DE UMA FEIRA, ASSIM COMO PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DE CONCELHO. FONTE: DESENHO DE JOÃO DE ALMEIDA IN *MINHO PITORESCO*

cente de Paulo. Até ao início dos anos 80, quando desaparecem, era nestes amplos espaços de terra batida que «modernos» conjuntos musicais animavam as noites do princípio de Outono, a par de desfiles, leilões e concursos, perante muitas das famílias da vila sede do concelho.

Semanalmente, o Souto era igualmente o lugar da feira de S. Cosme, espaço de encontro e de abastecimento dos gondomarenses (das gondomarenses, melhor dito, já que a sua frequência por homens, senão no lugar de vendedores, era — e é? — visto como estranha e pouco dignificante). A feira tinha vindo, em 1908, de Quintã, de junto dos Paços do Concelho, onde tinha tido início em 1854, tendo em vista «... não só remediar os inconvenientes da sua falta, como para conciliar os interesses do povo e evitar a sua reunião em diferentes locais, formando pequenos mercados...»<sup>(2)</sup>. Por outro lado, desse modo, a concentração da venda ambulante num único lugar favorecia a forma da «... Câmara exercer a sua acção fiscal, com a regularidade que prescreve a lei»<sup>(3)</sup>.

Comercializa-se de tudo um pouco todas as quintas-feiras, com destaque para porcos e cereais. Na década

de 60, vulgariza-se já a convivência com alguns produtos hortícolas (com realce para os afamados nabos, nabichas e grelos), a louça, os socos e outro calçado, os panos e alguns artigos de passamanaria.

O espaço subdivide-se em duas áreas distintas, a norte e sul da rua que atravessa o largo, acolhendo uma profusão de artigos empilhados e espalhados pelo recinto poeirento, onde à sombra de belos plátanos se estabelecia o bulício normal destas ocasiões.

A prática comercial não deixava a desejar à de que se conhecem relatos datados de há mais de um século, com uma infundável discussão em que, no essencial, o vendedor tratava de gabar a qualidade do artigo que desejava vender e o comprador o desdenhava, manifestando completa discordância com o exorbitante custo. Na discussão, não raro, pedia o vendedor ao potencial comprador que propusesse ele o valor que lhe parecesse correcto, colocando-se depois ele no papel do insatisfeito, face ao preço injustamente reduzido que o cliente avançava... Nesta discussão, chegava-se a um valor aceitável por ambas as partes, embora manifestassem manter a sua opinião (que era muito caro, dizia



ASPECTO DA FEIRA DE S. COSME, VENDENDO-SE EM SEGUNDO PLANO O PAVILHÃO DESPORTIVO DA ALA DE NUN'ÁLVARES E O MERCADO MUNICIPAL.

o comprador; que estava a ter prejuízo, retorquia o vendedor), ou afastava-se o cliente, à espera do pedido do vendedor que lhe pedia para retroceder: venha cá freguês! E, quando o eventual comprador retrocedia, era já após o sinal de rendição do vendedor, o que lhe permitia retomar a negociação em posição de força.

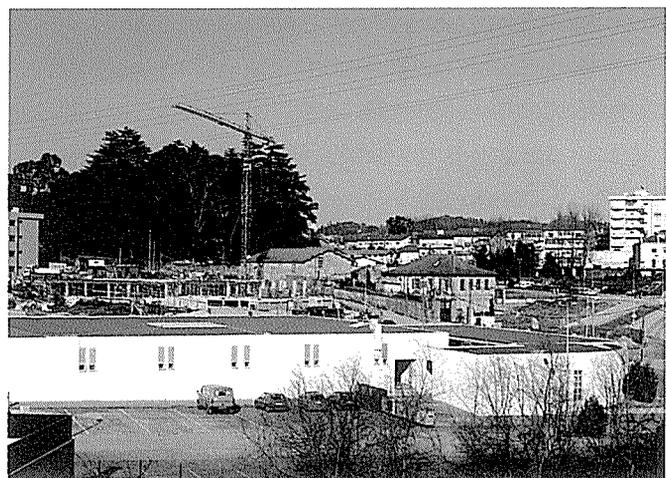
Em 1980, quando já o terreno da feira parece insuficiente e muitos entendem como menos nobre esse uso para um dos espaços mais centrais da vila, a feira transferiu-se para lá do cemitério, para o lugar de um conhecido choupal (do «Chasco»), com entrada pela Rua do Padre Andrade e Silva.

Aí permanece até aos nossos dias, com uma dimensão acrescida, numa racionalidade distributiva dos feirantes perfeitamente predeterminada, que os torna mais facilmente fiscalizáveis, e com uma diversidade reforçada, embora se destaquem os produtos alimentares e a roupa.

O aumento populacional e o do poder de compra, sem muitas vezes a necessária contrapartida no tecido retalhista, levou nas duas últimas décadas ao crescimento das feiras e até ao aparecimento de algumas, em vários locais do concelho de Gondomar, como noutros concelhos envolventes do Porto. Assim se passou até no interior da cidade do Porto, onde junto aos bairros de Aldoar e Cerco do Porto, a enorme concentração de pessoas em locais sem oferta comercial adequada, deu lugar ao aparecimento de feiras e outras formas de venda ambulante. Em paralelo, reapareceram outras (como a feira das flores e a feira dos pássaros), ou criaram-se novas feiras, por forma e de acordo com especializações julgadas mais adaptadas às novas exigências da procura.

No exterior da cidade do Porto desenvolveram-se diversas novas feiras e mantiveram-se um bom número das que há muito existiam. A tal ponto que, de acordo com indicações fornecidas pelas câmaras municipais<sup>(4)</sup>, se verifica um total de 19 feiras: S. Cosme, Rio Tinto, S. Pedro da Cova e Melres, em Gondomar; Valongo, Ermesinde e Campo, em Valongo; Maia, Pedrouços, Pedras Rubras, Moreira da Maia e Castelo da Maia (ditas feiras-mercado), na Maia; Custóias, Leça do Balio e Senhora da Hora, em Matosinhos e Canidelo, Afurada, Vilar do Paraíso e Carvalhos, em Vila Nova de Gaia. A estas, haverá que acrescentar feiras espontâneas, de data recente — e ainda não reconhecidas —, como é o caso das feiras já referidas de Aldoar e Cerco do Porto (no concelho do Porto) e das de Santo Ovídio e Aguda (em Vila Nova de Gaia), admitindo-se a existência de outras, que não foi possível confirmar.

No concelho de Gondomar, a feira de Rio Tinto, com lugar junto ao cemitério, conheceu considerável expansão, de tal forma que se tornou praticamente incomportável a sua manutenção no pequeno espaço que lhe estava destinado, promovendo-se a sua transferência em 1992 para o outro lado do pequeno rio Tinto, não sem forte reacção dos feirantes que, como antes os seus colegas da feira de S. Cosme, receberam mal a notícia do seu afastamento de um espaço que a edilidade considerava como demasiado central para o uso semanal que com dificuldade se mantém. Note-se que, junto à Igreja Paroquial de Rio Tinto, no lugar conhecido por Souto de S. Bento (das peras) tinha já existido uma feira, desaparecida por meados do século, tal como noutros locais diversas outras se extinguíram: na mesma fregue-



O MERCADO MUNICIPAL DE RIO TINTO QUE CONVIVE COM A FEIRA SEMANAL, NA MARGEM DIREITA DO ENTUBADO RIO, JUNTO À MATA DA QUINTA DAS FREIRAS E NÃO LONGE DO EDIFÍCIO DA JUNTA DE FREGUESIA (PEQUENA CASA À DIREITA) E DA IGREJA PAROQUIAL

sia, no lugar da Areosa, em Covelo e na freguesia de Foz do Sousa, nos lugares de Arraial de S. João e Jan-cido.

Em S. Pedro da Cova, a feira começa a fazer-se já na década de 90, acrescentando importância de ano para ano e convivendo com uma outra que, no lugar da Bela Vista, no limite desta freguesia com a de Fânzeres, havia surgido no início da década de 80, ocupando o espaço da velha estrada de abastecimento das tropas de D. Miguel à época do cerco absolutista à cidade do Porto (1832-34).

Em Melres, na freguesia que faz o limite do concelho com Penafiel, uma velha feira de nozes dá lugar a uma feira quinzenal que a Autarquia regula, com lugar nos dias 2 e 6 de todos os meses, num largo existente junto à foz de uma pequena ribeira na albufeira do rio Douro que a barragem de Crestuma-Lever criou. Esta feira constituirá a herdeira da que, em lugar próximo do actual, tinha lugar todos os meses e havia sido criada em 1895, em resposta a petição subscrita por habitantes das freguesias de Melres, Lomba, Covelo e Pedrido.

Todas estas feiras conheceram significativas alterações num passado muito recente. Enquanto, como vimos, a de S. Cosme e Rio Tinto migravam, a de Melres via o largo onde se realiza consideravelmente melhorado há um par de anos e racionalizado no seu aproveitamento. Em S. Pedro da Cova, entretanto, a feira da Bela Vista foi forçada a transferir-se para um aterro próximo, devido às obras que promoveram uma significativa beneficiação da Estrada de D. Miguel (1993), extinguindo-se após a aquisição desses terrenos pela Câmara ao STCP, com posterior aproveitamento para a construção de uma escola destinada ao 2.º e 3.º ciclos do ensino básico.

Do outro lado do vale por onde corre um pequeno afluente da margem esquerda do Rio Ferreira, a feira principal da freguesia vai-se realizando nos terrenos das antigas minas, junto à E.N. 209 de ligação a Valongo, aguardando a sua transferência para um vasto espaço que a Câmara faz construir, associadamente à edificação de um bairro social para mais de 400 famílias.

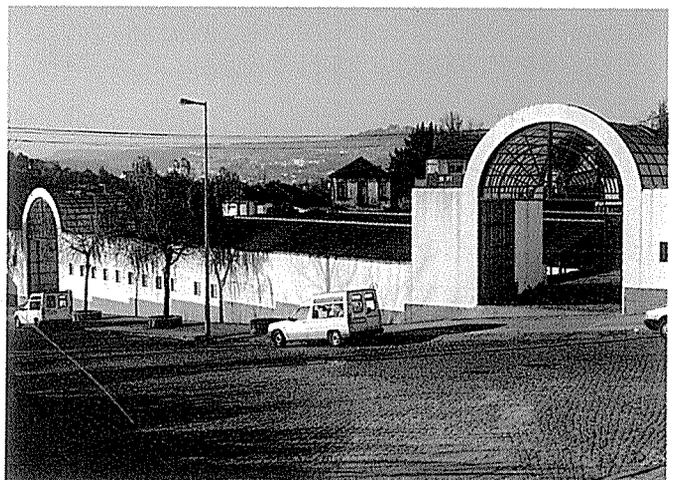
Em síntese, é possível distinguir aumentos de importância das feiras, em ligação a esforços racionalizadores que evitam a comercialização em terreiros, sobre o pó ou lama, e procuram enquadrar urbanisticamente a sua existência. Todavia, nalguns casos, a alteração do lugar dificulta a sua expansão ou simples manutenção, como

acontece em Rio Tinto e na Bela Vista enquanto que, noutros casos, paira a ameaça de desaparecimento, ou de radical alteração. É o caso da velha feira de S. Cosme, cujo local irá ser cortado pela Via Rápida de Gondomar (IC 29), dificultando a sua manutenção, o que permite antever duras críticas de feirantes e consumidores a uma provável extinção, ou mesmo à sua mudança para o outro lado da cidade, a norte, entre os lugares de Quintã e Ponte Real, como propõe recente Plano de Urbanização.

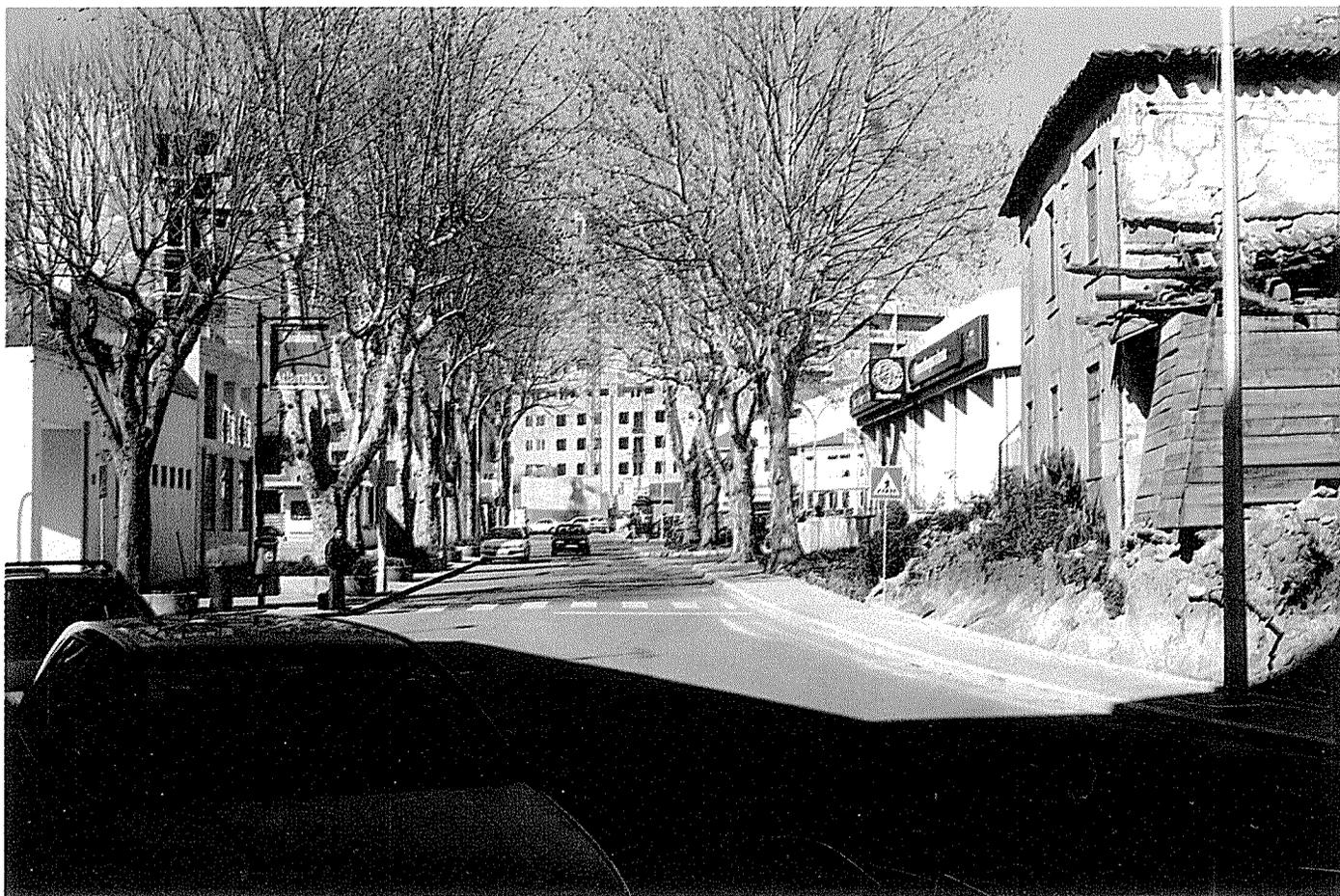
Neste momento, de reforço e/ou migração das feiras, importa ainda considerar o esforço desenvolvido pela autarquia, no sentido de apetrechar as principais freguesias urbanas de mercados municipais. O bom funcionamento do Mercado da Areosa (inaugurado em 1953) e a procura de melhores condições para a realização do comércio, levou à inauguração, em 1990, 91 e 92, dos mercados de Valbom, Rio Tinto e S. Cosme de Gondomar, respectivamente.

Constituem hoje, todos os três, significativos desastres económicos, tal como os quatro que o Porto viu construídos nos finais do século XIX, onde o erário público gastou centenas de milhares de contos, sem qualquer visível retorno. As taxas cobradas aos vendedores são insignificantes, em virtude das dificuldades que estes sentem, o que leva também a que se perdoem dívidas e se distribuam lojas, por falta de comerciante interessado, a associações as mais diversas, como a das donas de casa, ou a dos dadores de sangue de Gondomar.

Este estado de coisas parece um pouco menos grave em Valbom, sendo particularmente visível relativamente aos mercados de Gondomar e Rio Tinto, cuja localiza-



ENTRADA PRINCIPAL DO MERCADO MUNICIPAL DE VALBOM, O QUAL, TAL COMO O DE RIO TINTO E S. COSME, ESTÁ SITUADO À MARGEM DE ÁREAS MAIS DENSAMENTE URBANIZADAS, COM REFLEXOS NA SUA REDUZIDA ACTIVIDADE



ASPECTO DO LARGO DO SOUTO, CORTADO PELA VELHA ESTRADA DE LIGAÇÃO AO INTERIOR DO MUNICÍPIO, VENDO-SE ALGUNS ASPECTOS DA TRANSFORMAÇÃO RECENTE, ONDE SOBRESSAEM, DO LADO ESQUERDO, O CAFÉ-RESTAURANTE E QUIOSQUE RECÉM CONSTRUÍDOS PELA CÂMARA E O VOLUMOSO IMÓVEL QUE SE EDIFICA NO LUGAR DA ANTIGA SEDE DO GONDOMAR SPORT CLUB, ENCOSTADO À PEQUENA CAPELA DE SANTO ANTÓNIO E DO LADO DIREITO, UMA DEPENDÊNCIA BANCÁRIA – QUE É (OU ERA PARA SER) PROVISÓRIA – E, AO FUNDO, OS IMÓVEIS CONSTRUÍDOS NOS ÚLTIMOS ANOS ENTRE A RUA E A AVENIDA DE 25 DE ABRIL.

ção algo periférica faz com que num único dia — o dia de feira — se note um movimento de pessoas digno de assinalar.

Como se compreende, o mercado, tomando quase sempre o Bolhão por referência, procura concentrar a oferta de bens de procura frequente, predominantemente ligados à alimentação. Trata-se, entre outros aspectos, de procurar melhorar as condições de abastecimento de uma população que aumenta significativamente, todos os dias, e em condições consideravelmente melhores que as oferecidas pela feira. Todavia, se a feira conseguia colocar produtos a baixo preço (restos de colecção, distribuição directa do agricultor e criador de animais de capoeira) e reforçar uma presença culturalmente arraigada, o mercado encontra grandes dificuldades para competir com o normal comércio de rua e, muito especialmente, com o hipermercado e diversos formatos de supermercado. Tanto assim que, com escassas excepções, normalmente associadas a uma maior antiguidade, os tempos são de visível dificuldade, não só para os referidos merca-

dos do Município de Gondomar, como para o de Matosinhos e, em níveis desiguais, para os de Valongo e Ermesinde, ou os dos Carvalhos, Afurada e Ribeira de Gaia e até para o Bolhão e o Bom Sucesso, no Porto.

JOSÉ  
A. RIO  
FERNANDES

#### NOTAS

(1) Ver José A. Rio Fernandes — *As feiras e os mercados no tecido comercial do Porto*, Porto, «Boletim Cultural», 2.ª série, vol. 7/8, Câmara Municipal do Porto, 1989/90, pp. 351-377.

(2) Actas da Câmara Municipal de Gondomar (8 de Março de 1854), cit. in Camilo de Oliveira — *O Concelho de Gondomar (apontamentos monográficos)*, Porto, Câmara Municipal de Gondomar, 4.ª edição, 1979, vol. 4. p. 39.

(3) *Ibidem*.

(4) Os dados utilizados reportam-se à investigação conduzida por Adosinda Pinho, Maria José Silva, Sérgio Freire e Sónia Marisa Teixeira, para a realização de um trabalho sobre dinâmicas económicas no Grande Porto, inscrito na disciplina de Seminário de Geografia Urbana (Licenciatura em Geografia) e no projecto «Open to Europe».